

Retaliação e empobrecimento

A **NEGOCIAÇÃO** é regra de ouro em política internacional — ao menos, para os que percebem que o confronto só se presta a um empobrecimento generalizado dos Estados: político, econômico e cultural. Pode-se dizer mesmo que é a capacitação para a negociação a grande meta da formação do diplomata, profissional da política internacional; e que é sobretudo por ela que se afere o conceito externo de um país, alma de sua soberania como Estado.

O **EMPOBRECIMENTO**, a que o confronto sempre condena, verifica-se mesmo que se trate de confronto estritamente comercial: o comércio internacional é um jogo de regras definidas e uma competição de civilizados, a premiar mais o engenho, a sagacidade, o descortino que a força, seja esta de que tipo for. Trata-se de um exercício de inteligência no uso e gozo dos bens econômicos; é um estímulo ao desenvolvimento e à busca da felicidade que o norteia, para que sejam vencidos todos os obstáculos que se lhes antepõem, inclusive os obstáculos políticos das fronteiras nacionais. Fazer das fronteiras internacionais uma barreira é impor um interdito político inaceitável ao desenvolvimento e à felicidade.

POR ESSA avaliação do papel contemporâneo do co-

mércio internacional é que se guiaram expressivos setores empresariais americanos, tentando obter do Governo Reagan uma moratória às avessas: a suspensão da anunciada sobretaxação de produtos brasileiros como forma de represália contra o protecionismo da política brasileira, especialmente na questão da informática.

HABITUADOS aos benefícios da interdependência, os empresários de lá, assim como um grupo qualificado de empresários de cá, percebem a leviandade de um clima de confronto e a ambivalência das armas da represália comercial: percebem que tudo só redundará em empobrecimento mútuo.

É FÚTIL e pueril a discussão sobre a capacidade e os limites de uma política de represálias comerciais, de lado a lado: fútil, porque o que interessa é o mercado, que as retaliações desorganizam e mutilam; e pueril, porque as retaliações só seriam demonstração de soberania dos Estados, na hora em que a política internacional voltasse a ser uma sucessão de arreganhos e em que as comunidades nacionais retomassem o caminho da tribalização, perdidas da consciência da unidade da humanidade e obcecadas pela divisão sumária e primitiva dos homens em amigos e inimigos.

A **ECONOMIA** americana interessa a manutenção do Brasil como país importador; e, quanto mais dinâmico for o desenvolvimento do Brasil, tanto melhor: o melhor parceiro de um rico é sempre outro rico. À economia brasileira também interessa evitar qualquer fechamento do mercado americano, já que é para lá que se dirigem 26% de nossas exportações; e é lá que são gerados 20,28% do faturamento em fretes marítimos das empresas que fazem o tráfego Sul—Norte. E não seria apenas sobre o comércio bilateral que repercutiriam negativamente as sobretaxações de produtos brasileiros: destes depende, para o fornecimento de peças e componentes, a própria produção industrial interna americana; como no caso de grandes empresas, como a General Electric, a Data General e a IBM.

UMA GUERRA comercial é, como as guerras em sentido próprio, um absurdo econômico: um investimento destrutivo. E sobre o desperdício de bens que são sempre relativamente escassos, mesmo nos países mais ricos; assim como sobre o desperdício de energias que, por humanas, reclamam inteligência, sagacidade e arte para sua aplicação, nada se construirá, nem política, nem culturalmente. Ninguém pode tranquilizar-se com a perspectiva de retaliações, se dela só resulta tanto empobrecimento.